



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O PÓ DA CRIAÇÃO

Primeiro, era o cerrado. Vegetação feiosa, retorcida, encrespada e melancólica. Os apaixonados dirão que de feiosa não tem nada. Que é o segundo bioma mais rico em diversidade de fauna e flora, que retira das entranhas da terra a água de seu sustento, que dele brotam flores as mais surpreendentes no meio de pedras estérteis em campos desolados.

Logo no início, quando o cerrado vivia sua existência semi-solitária, de 6 mil almas goianas tocando vagarosamente suas vidas de adobe, gado e fé, nesse princípio de tudo, alguém chegou e disse: “É aqui”. Outro entendeu a escolha: “Esse lugar parece que esteve sempre esperando por ela, a cidade, Brasília”. Era um banqueiro francês, do alto do que viria a ser a Praça do Cruzeiro.

O lugar era o mais próximo do céu que se podia querer. Mas não era a proximidade de um Everest, com seus 8 mil e tantos metros de altitude. Era como se a Terra, naquela imensidão de cerrado, tivesse estufado a barriga de tanta vontade de ficar perto do

céu. Era um todo de cerrado estufado na direção do azul.

Tenho saudade do começo do mundo que eu não vivi. Os tratores arrancando as árvores carquentas e o rastro nu da terra vermelha. De um dia para o outro, todo o cerrado onde Brasília surgiu ficou nu em pêlo. Nudez alvoroçada, dançando em redemoinhos, grudando nos olhos, transformando os candangos em homens e mulheres ruivos.

As fotos Postal Colombo, que fazem parte do acervo do Arquivo Público, digitalizadas por Augusto Areal, e que a Ana Paula me mandou por e-mail, são registros de como o mundo começou. Não se trata de fotos de

um povoado, meia dúzia de carros, meia dúzia de estradas, dúzia e meia de casas, como são as fotos das cidades quando jovens. Nada disso. Trata-se da invenção do mundo propriamente dito.

Onde antes havia silêncio, instalou-se o barulho das máquinas e dos homens. Antes em estado de hibernação milenar, a terra explodiu em pó. A foto aqui ao meu lado mostra homens de chapéu, calças largas e camisas de manga comprida em volta de galpões de madeira. Ali surgirá a Rodoviária. Ao fundo, embebida em poeira, a Esplanada, seis esqueletos de prédios à direita, cinco à esquerda. Mais ao fundo, as duas torres

do Congresso anunciando que algo muito surpreendente estava surgindo — naus aportando na terra que antes pertencia inteiramente aos lobos-guarás, às emas, aos tamanduás, às capivaras, às 6 mil almas.

Brasília é a mão do homem se fazendo divina. Só homens transtornados pela vontade de alterar a rotação da Terra, o movimento dos mares, de instigar o sono dos vulcões poderiam fazer tudo aquilo. Digo “aquilo” e não digo “isto” porque a Brasília que nos abriga é outra. A do começo do mundo está submersa — nas fotos e no espanto de quem teve o privilégio de comer do pó da criação.